

Secretário aposta nas cooperativas

A única solução viável para o problema dos baixos salários dos médicos dos hospitais estaduais é a formação de cooperativas. Esta é a opinião do secretário de Saúde do Estado, Antônio Luiz Medina. O próximo hospital a ser administrado por uma cooperativa é o Rocha Faria, em Campo Grande. A implantação do sistema se baseia na experiência de sucesso do Hospital da Posse, em Nova Iguaçu, que adotou o sistema em novembro e atualmente atende a cerca de 1.500 pessoas por dia.

“Nós não podemos aumentar os salários dos médicos, pois o orçamento não pode ultrapassar 65% da folha com o pagamento de funcionários”, contou. Com a criação da cooperativa, será destinada uma verba maior para o pagamento dos salários sem, no entanto, sobrecar-

regar a folha. Todos os hospitais estaduais estão sendo consultados para decidir se querem ou não participar do sistema.

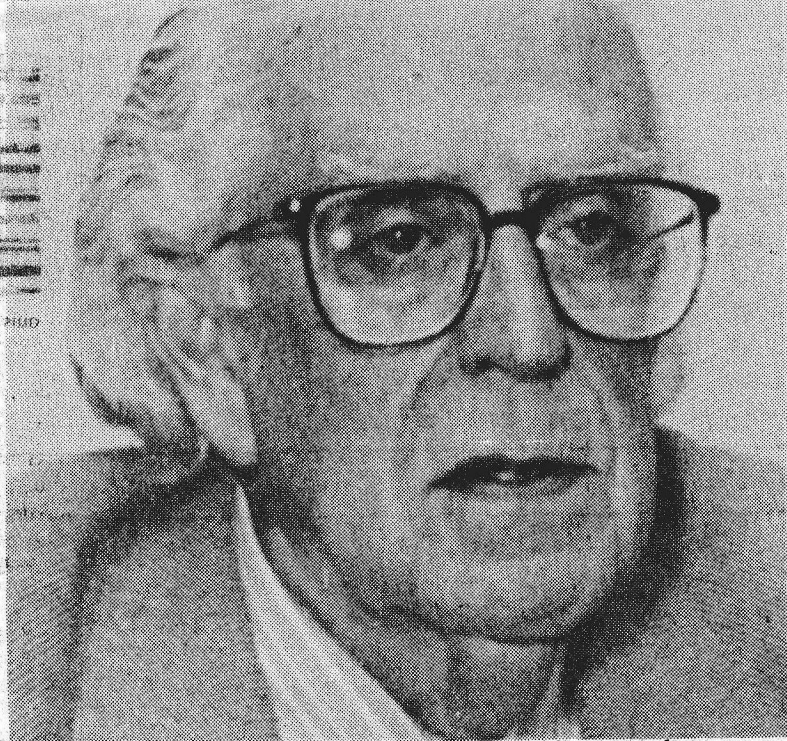
Pagamento — O sucesso obtido no Hospital da Posse, que é federal, está acontecendo graças à participação do governo estadual na administração. Todo mês é destinada uma verba de R\$ 500 mil para a cooperativa, que se encarrega de fazer o pagamento dos funcionários. Um médico recebe atualmente um salário de R\$ 1.500, enquanto a média de um hospital particular é de R\$ 1.000.

Na época da implantação da cooperativa, os médicos que já faziam parte do quadro do hospital concordaram em aumentar a carga horária semanal em 24 horas e receber um salário maior. Também foram contratados mais 214 médicos,

286 auxiliares de enfermagem e 54 enfermeiros, para suprir o déficit do hospital.

Antes da inauguração do novo sistema, em julho de 1995, a emergência do hospital estava fechada. Em dezembro, o Hospital da Posse realizou 35 mil atendimentos, 400 cirurgias e 970 internações. O centro de tratamento intensivo neonatal é o único da Baixada Fluminense e atende a toda a população das áreas próximas.

A sobrecarga de atendimentos é um dos únicos inconvenientes do sucesso do hospital. “Com toda a propaganda que foi feita em torno do hospital, toda a população das áreas vizinhas está vindo se tratar aqui, e estamos sofrendo uma lotação”, conta o ginecologista Ivson Botelho Mustafá, que em dias de maior movimento atende até 27 pacientes.



Secretário reconhece que não pode resolver problema imediatamente